

GRUPO FOLCLÓRICO BATALHÃO DE BACAMARTEIROS DE CARMÓPOLIS - SE: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DE SUAS TÉCNICAS ARTESANAIS. Giselli Tsuchiya Neder, Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Araújo Simões – Humanas – Artes e Antropologia – Departamento de Artes e Representação Gráfica – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Campus de Bauru.

O trabalho em questão busca compreender as técnicas artesanais do grupo folclórico Batalhão de Bacamarteiros de Carmópolis - Sergipe. Por meio de pesquisa etnográfica, na qual utilizou-se diário de campo, registros audiovisuais, descrição da manifestação, entrevistas com o mestre e com alguns integrantes do grupo, buscou-se a compreensão da estética subjacente às suas técnicas artesanais, tais como, a maneira com que os Bacamarteiros “fabricam” seus instrumentos musicais, os “bacamartes” (tipo de arma), e a pólvora, que são utilizados tanto em suas apresentações públicas quanto nos seus festejos.

A escolha do grupo folclórico se deu durante o evento Cores e Ritmos de Nossas Raízes, que entre os dias 8 a 13 de Agosto de 2006, realizou no Sesc (Serviço Social do Comércio) da cidade de Bauru; uma pequena mostra do Festival do Folclore de Olímpia. Através desse evento, obtivemos o primeiro contato com o grupo folclórico Batalhão de Bacamarteiros de Carmópolis. Surgiu então, o interesse em pesquisar e tentar compreender tal manifestação cultural.

Posto isto, vale destacar que as questões culturais são tratadas das mais variadas maneiras e em diferentes graus de profundidade e reflexão. Segundo Aranha e Martins (1986), o homem, através do trabalho, transforma a natureza, e produz a sua própria existência, já os animais, por sua vez, apenas a conservam instintivamente. Essas diferenças estão na forma de envolvimento com a natureza, pois enquanto os animais permanecem inseridos nela, sem realizar trabalho consciente, o homem, por sua vez, é capaz de transformar a natureza em resposta aos desafios do meio, abrindo a possibilidade para a existência de cultura. A cultura humanizada é então considerada como um processo de acúmulo de experiências realizadas, diferentes entre si, no qual somente serão fixadas as que tiveram resultados positivos. As autoras acrescentam que, as ações produzidas pelo homem são coletivas, e codificadas em um sistema de significado e valores estabelecidos socialmente sendo, somente assim, validados e, que, *“cabe ao homem a preocupação constante de manter viva a dialética herança-renovação, pela qual, ao mesmo tempo em que ele é um ser social, também tem uma individualidade que o distingue dos demais”*.

Brandão (1982) afirma que o termo folclore é, para alguns estudiosos, tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição, e para outros, é apenas uma parte dessa tradição popular. O domínio do folclore pode ser comparado com o domínio da cultura, por isso segundo o autor algumas pessoas consideram o folclore sinônimo de cultura e preferem chamar tudo de cultura popular. Brandão (1982, p.24) cita o exemplo de Luiz da Câmara Cascudo que *“mistura uma coisa com a outra e define folclore como “a cultura do popular tornada normativa pela tradição”*. Segundo Brandão o folclore nasceu de estudos dos costumes e tradições populares por intelectuais e curiosos sobre o assunto. A origem do nome se deu por uma fusão da palavra folk-lore (povo + saber = o saber tradicional do povo), mas as definições apontadas pelo autor são inúmeras em relação ao folclore e cultura popular. Em suma, ter-se-ia como características do “folclore” ser *“popular, coletivo, persistente, tradicional e passível de reprodução através dos sistemas comunitários não eruditos de comunicação do saber”*(Brandão, 1982, p. 57).

E, aprofundando um pouco mais a superficialidade dos termos, Geertz (1989) sugere que, o conceito de cultura, deva ser interpretado de maneira semiológica. Apoiado em uma ciência interpretativa, à procura de significados os quais são públicos e, por isso, a cultura também o é, a cultura é vista como sendo um contexto no qual os acontecimentos são descritos de forma densa, e que, para ser compreendida é preciso seguir a normalidade do povo (ou comunidade) em questão, para então compreender sua lógica e particularidade.

Geertz faz questão de ressaltar que, somente um “nativo” faz a interpretação primeira dessa cultura, pois a cultura é sua. Em segunda e terceira mão vêm as interpretações antropológicas, e que partem de um sistema em desenvolvimento de análises científicas, não que sejam falsas, mas é

importante a consciência disso. O que os antropólogos fazem ao analisar a cultura é na realidade etnografia; não só na questão metodológica e processual, mas sim no esforço intelectual do ilegível. E para o autor a etnografia é uma descrição densa, pois o que o etnógrafo tem que enfrentar além das rotinas automatizadas de coletas de dados é uma multiplicidade de estruturas complexas sobrepostas, interligadas, estranhas umas as outras, irregulares e não explícitas, que de alguma forma ele primeiro apreende, para depois apresentar como experiência pessoal. O etnógrafo “inscreve” o discurso social, anota, e transforma de acontecimento passado, em relato, que pode ser consultado novamente. Mas no fundo a vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder as nossas questões e sim colocar à disposição as respostas que outros deram, fugindo do subjetivismo, e mantendo as análises dos símbolos ligados aos acontecimentos concretos da vida pública comum, organizando-as de modo que as relações entre fórmulas teóricas e as interpretações descritivas não sejam sucumbidas às ciências.

Seguindo esses conceitos de como se dá a existência da cultura, suas diversas definições e inter-relações, e como, de maneira geral, devemos interpretá-la, registrá-la e analisá-la, buscou-se pesquisar as manifestações folclóricas durante o 42º Festival Nacional do Folclore de Olímpia. Com cerca de 45 mil habitantes, Olímpia é uma cidade que se localiza no interior do Estado de São Paulo. Foi criada em 1917, a partir do desmembramento de terras do município vizinho, Barretos.

No dia 08 de julho de 1937, nasceu em Olímpia o folclorólogo José Sant’anna, professor de língua portuguesa, que durante a década de 50, juntamente com o auxílio de seus alunos, elaborava pesquisas e exposições folclóricas. Em 1965, resolveu transcender ao âmbito acadêmico e realizou o 1º Festival Nacional de Folclore nas ruas de Olímpia, evento que hoje repercute nacionalmente, consagrando Olímpia como a Capital Nacional do Folclore. O Festival se encontra hoje em sua 42ª edição e é orgulho para toda a cidade. Infelizmente o Professor Sant’anna veio a falecer em 1999, o festival continua acontecendo no mês de agosto, porém deixou saudades, pois além de ser o “pai” do evento, Prof. Sant’anna era um homem respeitado e influente politicamente. Além do Festival, também fundou o Museu de História e folclore “Maria Olímpia”, que hoje, além de ponto turístico da cidade, também é referência nacional, pois possui uma quantidade imensa de peças, vestimentas, objetos, acessórios, dos inúmeros grupos folclóricos que lá vão se apresentar. Em visita ao museu encontramos algumas armas expostas, e entre elas, bacamartes do Batalhão de Bacamarteiros.

O 42º Festival Nacional de Folclore da cidade de Olímpia iniciou-se no dia 5 de Agosto de 2006, e teve seu término no dia 13. Durante toda a semana foram realizadas inúmeras apresentações dos mais diversos tipos de grupos folclóricos e para-folclóricos de todo Brasil.

Dentro da compreensão dos participantes do evento, pode-se entender por grupos folclóricos, aqueles que, cunhados em tradições culturais específicas de uma região, representam uma manifestação cultural e todos aqueles que “imitam” essas manifestações são considerados grupos para-folclóricos. Então, folclórico seria o “original”, e para-folclóricos a imitação desses tradicionais.

Durante os dias 12 e 13 de Agosto, visitou-se a cidade de Olímpia, com o objetivo de conhecer o 42º Festival Nacional de Folclore. Lá, foram entrevistados alguns integrantes do grupo folclórico Batalhão de Bacamarteiros de Carmópolis.

Os diversos grupos folclóricos, advindos e representantes de diversas partes do país, encontravam-se alojados em escolas municipais, espalhadas pela cidade de Olímpia. Muitos vinham com ônibus particular, patrocinados pela administração das suas cidades de origem, ou com recursos próprios. Os Bacamarteiros se encontravam alojados em uma dessas escolas municipais. Muitos dos integrantes estavam descansando, pois nos dias anteriores percorreram várias cidades próximas se apresentando, e ainda teriam que se apresentar à noite no Festival.

Durante entrevista com o líder do grupo Bacamarteiros, o mestre José Rolember dos Santos, e a organizadora responsável Dona Siléia, foram levantados questionamentos sobre o surgimento do grupo, a confecção das armas e instrumentos musicais, manuseios, integrantes, patrocínio e tudo mais pertinente à existência do grupo. O Mestre contou que o grupo folclórico surgiu por volta de 1780 nos Engenhos de cana-de-açúcar do Vale do Cotinguiba, Sergipe. Segundo informações contidas em um folder de divulgação do grupo, nesse Vale se encontra a cidade de Carmópolis, distante 50 quilômetros da capital, Aracaju. Carmópolis, hoje, é considerada a capital sergipana do petróleo, é proporcionalmente a maior produtora de petróleo do Brasil, contribui inclusive para a auto-suficiência do país. A presença da Petrobrás é marcante na região e os “cavalos mecânicos” usados para a

extração do petróleo são vistos em qualquer parte do município, se misturando ao cenário natural. É uma das cidades mais prósperas do Estado. Seu povo é “ordeiro e hospitaleiro”.

Seu José dos Santos relatou que os negros dessa região brincavam samba-de-roda e atiravam com Bacamarte, nome dado a arma artesanal fabricada pelos próprios negros. Esses negros eram escravos que foram convocados para a guerra do Paraguai, e durante a guerra receberam bacamartes para servir ao exército. Acabada a guerra, algumas das armas voltaram com os negros para as suas comunidades e os escravos começaram a confeccionar suas próprias armas, tomando como modelo os bacamartes trazidos da Guerra. Atualmente as armas são feitas, basicamente, do mesmo modo que eram confeccionadas antigamente, mas alguns materiais foram adaptados, como é o caso do cano da arma, que é conseguido com a Petrobrás que se localiza na região (resíduo industrial), mas são os ferreiros da comunidade que os moldam (segundo eles: montam e batem) e fazem o fecho e o gatilho. A coronha (cabo da arma) é feita com a madeira de sucupira, árvore da região. Eles utilizam um pano (tipo flanela) amarrado ao redor da arma, seu José nos contou que é para não “melar” a braçadeira, ou seja, é um cuidado, uma técnica utilizada por eles para não espirrar a pólvora na hora de atirar. Existem dois tipos de bacamarte, o mais antigo utilizava uma pedra para gerar a faísca e explodir a pólvora, a pedra é chamada por eles de “figo de galinha”, e o outro mais moderno que no lugar da pedra utiliza uma espoleta. Ambas ainda são usadas nas apresentações. Na fabricação da pólvora é utilizada uma mistura de carvão, feito da árvore de umbaúba, cachaça e enxofre; depois tudo é socado num pilão. No mês de junho, os componentes do grupo fazem o ritual do “Pisa Pólvora”, mês em que eles festejam os Santos do ciclo junino como São João e São Pedro. Para a confecção dos instrumentos musicais é usada a madeira do jenipapo, árvore frutífera da região, couro de animais e sementes. O pandeiro, por exemplo, é feito do arco do jenipapo e o couro utilizado pode ser de bode, jacaré, lontra, capivara. A “caixa” e a “onça”, (como eles chamam os tambores de percussão), também são feitos por eles artesanalmente, e para tocar a “onça” eles utilizam um pano molhado “para dar a resposta”, ou seja, para que o couro vibre e saia um som rouco e abafado do tambor.

Os homens vestem calças, cintos e sapato de camurça, as camisas são floridas e coloridas e as mulheres usam vestidos com a mesma estampa dos homens. Antigamente as roupas eram confeccionadas com chita, um tipo de tecido fino e estampado, tradicional da região. Tanto homens e mulheres usam chapéus, os das mulheres enfeitados com fitas e flores de tecido, e o dos homens é de couro costurado. A comemoração tradicional para eles, ocorre no mês de junho, mês de São João como é chamado pelo povo da comunidade, pois nos tempos da escravidão as comemorações de São João eram a única data que os escravos folgavam.

A apresentação do grupo se dá com a entrada do mestre dos Bacamarteiros, com um apito e uma espécie de bastão, seguido por uma mulher que leva a bandeira do grupo à frente dos homens com instrumentos, e por último vem as mulheres dançando e animando o povo. As armas ficam encostadas em um canto do palco, e algumas são carregadas por mulheres durante a dança, depois são passadas para os homens que começam a carregá-las de pólvoras, que ficam contidas em garrafinhas presas em suas cinturas.

A música continua somente com a voz das mulheres, então o Mestre apita e aponta com seu bastão o local onde os Bacamarteiros devem se dirigir para realizar o disparo. E um de cada vez começa a disparar o bacamarte. O primeiro é o mais novo do grupo, de apenas 8 anos, não conseguimos identificar se ocorre uma hierarquia por idades, seguem assim até todos atirarem. Os disparos são muito estrondosos e dependendo da quantidade de pólvora, o impacto que a arma causa, joga o bacamarteiro para longe. Eles possuem “técnicas corporais” (Mauss, 1974) para manusear e posicionar o bacamarte na hora do disparo, para que ele não caia e nem seja arremessado para longe. Depois dos disparos, retomam seus instrumentos e a dança.

O Batalhão de Bacamarteiros é, na atualidade, a maior manifestação folclórica do município de Carmópolis. Até hoje, todos os instrumentos musicais, os bacamartes e a pólvora são fabricados pelo próprio grupo. O grupo tem, atualmente, 60 componentes entre homens, mulheres e crianças. Esta manifestação é passada de pai para filho. O mais velho componente do grupo é o próprio mestre, Seu José de 64 anos; o mais novo tem 8 anos, e chama-se Cleison, e é filho da Dona Siléia. Até o menor já atira com o bacamarte, que é proporcional ao seu tamanho. Seu José lembra que desde 1972 participam do Festival em Olímpia, e que no Museu do Folclore tem um bacamarte que ele deixou lá.

Para realização da pesquisa foi utilizado diário de campo e entrevista com alguns integrantes do grupo, além de máquina fotográfica digital portátil para o registro das imagens. As entrevistas com os

integrantes do grupo não foram feitas no local das apresentações, e sim durante a tarde, nas instalações das escolas municipais de Olímpia, onde o grupo descansava para se apresentar à noite. Procuramos limitar e direcionar as entrevistas em busca da compreensão de suas técnicas e métodos de confecção dos objetos utilizados (tais como, alguns instrumentos musicais e, sobretudo, os bacamartes) em suas apresentações.

Percebemos que a tradição do Batalhão de Bacamarteiros de Carmópolis expressa em sua performance, elementos oriundos da Guerra Paraguai e do contexto histórico em que estava inserida. Nossas conclusões parciais (haja vista que a pesquisa se encontra em andamento), é que o bacamarte, um símbolo sintetizador, expressa os conflitos existentes naquele contexto ao narrar uma história de seus antepassados. O grupo folclórico em estudo, ao re-significar o bacamarte, (a princípio arma de guerra) torna o objeto detentor da história e tradição de um povo, juntamente com outros fatos sociais, econômicos e culturais pelos quais passaram e estão passando essa comunidade.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Luiza de Arruda, MARTINS, Maria Elena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna. 1986.

AYALA, Marcos, AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil*. São Paulo: Ática. 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense. 1982.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC, 1989.

MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais*. In: *Sociologia e antropologia*. v. 2, São Paulo: EDUSP, 1974.